

CINEMA E SAÚDE MENTAL INFANTO-JUVENIL: O USO DE FILMES COMO RECURSO PSICOEDUCATIVO¹

Rennatha Rosa Rodrigues¹;

Graduanda em Psicologia, Bolsista de iniciação científica PIBIC, Universidade de Gurupi (UnirG), Gurupi, Tocantins.

<http://lattes.cnpq.br/0695661959909756>

Rafaela Oliveira de Figueiredo Ferraz²;

Graduanda em Psicologia, Bolsista de iniciação científica PIBIC, Universidade de Gurupi (UnirG), Gurupi, Tocantins.

<https://lattes.cnpq.br/5892784698256816>

Ellen Fernanda Klinger³.

Docente Titular, Universidade de Gurupi (UnirG), Gurupi, Tocantins.

<http://lattes.cnpq.br/2248656258278634>

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar, por meio de revisão bibliográfica, o uso do cinema e da cinematerapia como recursos psicoeducativos na promoção da saúde mental infantojuvenil. A partir de uma abordagem qualitativa, foram identificadas evidências que apontam o potencial dos filmes como mediadores simbólicos capazes de favorecer a expressão emocional, estimular a empatia e ampliar o repertório simbólico de crianças e adolescentes. Os resultados indicam que a identificação com personagens e narrativas permite a elaboração de conflitos internos e sentimentos muitas vezes não verbalizados, tornando o cinema uma ferramenta terapêutica e educativa eficaz. A cinematerapia, quando aplicada com critérios técnicos e sensibilidade, pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e para o fortalecimento de vínculos. Apesar dos benefícios observados, a literatura ainda carece de estudos empíricos robustos e metodologias sistematizadas que validem sua eficácia em contextos clínicos e educacionais. Conclui-se que o cinema representa uma estratégia acessível e criativa, com grande potencial para ser incorporada às práticas psicológicas e pedagógicas voltadas ao público infantojuvenil.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Saúde Mental. Educação.

CINEMA AND CHILD-ADOLESCENT MENTAL HEALTH: THE USE OF FILMS AS A PSYCHOEDUCATIONAL RESOURCE

ABSTRACT: This study aims to analyze, through a bibliographic review, the use of cinema and cinematherapy as psychoeducational tools in promoting mental health among children

¹ Este estudo contempla parte preliminar dos resultados do projeto de pesquisa “Educação para os ciclos de vida e cinema: uma proposta de intervenção no contexto escolar”, selecionado no edital PROPESQ UNIRG/FAPT. nº 005/2024 do programa institucional de bolsas de iniciação científica (PIBIC) da Universidade de Gurupi com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Tocantins – FAPT e Governo do Estado do Tocantins.

and adolescents. Using a qualitative approach, evidence was identified highlighting the potential of films as symbolic mediators that foster emotional expression, stimulate empathy, and expand the symbolic repertoire of children and adolescents. The results suggest that identification with characters and narratives enables the elaboration of internal conflicts and emotions that are difficult to verbalize, making cinema a therapeutic and educational resource. When applied with technical criteria and sensitivity, cinematherapy can contribute to the development of socioemotional skills and the strengthening of interpersonal bonds. Despite the observed benefits, the literature still lacks robust empirical studies and systematic methodologies to validate its effectiveness in clinical and educational settings. It is concluded that cinema represents an accessible and creative strategy with significant potential to be incorporated into psychological and pedagogical practices aimed at children and adolescents. By engaging with cinematic narratives, professionals can create meaningful spaces for dialogue, reflection, and emotional growth, reinforcing the role of art as a transformative agent in mental health promotion.

KEYWORDS: Childhood. Mental health. Education.

INTRODUÇÃO

O cinema constitui-se como uma linguagem cultural universal, capaz de transcender fronteiras geográficas, históricas e sociais. Tal como uma manifestação artística e comunicacional, as narrativas expressam experiências coletivas e individuais, sendo não apenas entretenimento, mas também um mediador simbólico entre realidade e vivências internas. Por meio da produção audiovisual, ele possibilita múltiplas interpretações e ressignificações, tornando-se um potencial recurso para a compreensão do ser humano em sua complexidade.

Mais especificamente, a cinematerapia é uma ferramenta facilitadora da expressão emocional, especialmente em crianças e adolescentes. Por meio da identificação com personagens, o sujeito encontra um ambiente seguro para expor conflitos, dificuldades e sentimentos, muitas vezes não verbalizados em função das limitações próprias da idade ou contexto que está inserido (Arantes, 2014).

De acordo com Rocha (2016), há diversos recursos terapêuticos utilizados em processos interventivos, por exemplo: artesanato, jogos, fábulas, poemas, músicas e os filmes se destacam como uma ferramenta poderosa de intervenção. Nessa perspectiva, Hesley e Hesley (2001) destacam que entre as principais vantagens do uso do cinema em contextos psicossociais e educativos estão: alta aderência, facilidade de acesso, interação promovida, familiaridade com o cotidiano, encorajamento ao cliente, fornecimento de modelos diante de situações adversas e a maior possibilidade de expressão de sentimentos.

No contexto clínico, para a realização prática da cinematerapia existem alguns pré-requisitos fundamentais; como a seleção do filme, que deve considerar o estágio de desenvolvimento, suas preferências e o plano terapêutico previamente elaborado, de modo a potencializar seus benefícios (Wolz *apud* Arantes, 2014). Para Garrison (2007) os

filmes selecionados devem reunir algumas características, como capacidade de manter a atenção; proximidade com situações vivenciadas pelos pacientes; presença de personagens atraentes que representem, de maneira realista, pacientes e familiares; além de transmitir esperança por meio de um desfecho positivo.

Com o público infanto-juvenil, as narrativas devem conduzir as crianças ao universo da imaginação, mas ao final precisam voltar à realidade, no sentido que a fantasia pode ocupar um lugar importante e até terapêutico, desde que permita à criança elaborar experiências emocionais de forma simbólica e segura. Essa mesma lógica pode ser observada no cinema, que, ao trabalhar com elementos fictícios, possibilita vivências subjetivas sem perder a conexão com a realidade (Baeza; Soares, 2013).

Além de acessíveis e de baixo custo, os filmes são capazes de atuar em diferentes contextos e modalidades de intervenção, podem ser aplicados tanto individualmente quanto em grupo. Sendo exploradas questões universais e específicas do cotidiano, nisso, estimulando a expressão de sentimentos, abre espaço para temas sensíveis, como o luto, por exemplo, e é uma oportunidade de construção de vínculos. Inclui-se também seu potencial psicoeducativo, que por meio das narrativas as pessoas têm acesso a informações que ampliam a compreensão de si e das questões que os afligem, das relações interpessoais e de estratégias de enfrentamento (Meneses, 2021).

O cinema funciona como uma ponte de identificação com os complexos vividos pela sociedade, dando voz a desejos mal compreendidos, ao vazio de sentido da vida e à sensação de inutilidade do existir (Zampieri, 2025). Nesse processo, o espectador é convidado a refletir e a encarar a realidade em suas diferentes circunstâncias, o que torna o cinema um recurso valioso de cunho educativo e terapêutico. Um exemplo mencionado, é o filme *A Vida é Bela*, de Roberto Benigni, que pode ser considerado uma aula terapêutica sobre resiliência. Com humor, coragem e uma postura firme diante da vida, o personagem Guido cria fantasias e jogos para proteger seu filho da brutalidade da guerra, mesmo dentro de um campo de concentração.

Diante do exposto, a relevância da pesquisa sobre o uso da cinematerapia em contextos psicoeducativos está em sua capacidade de integrar arte, cultura e subjetividade, favorecendo a adesão aos processos interventivos e ampliando as possibilidades de expressão emocional. Em uma sociedade marcada pela presença constante das mídias audiovisuais, compreender como esse recurso pode beneficiar os sujeitos que nela vivem oferece e aprimora subsídios teóricos e práticos para profissionais da saúde e da educação.

OBJETIVO

Analisar, por meio de revisão de literatura, as evidências sobre o uso do cinema e da cinematerapia como recursos psicoeducativos auxiliares na promoção da saúde mental infanto-juvenil, enfatizando a compreensão e expressão do sofrimento psíquico.

METODOLOGIA

O estudo adota uma abordagem qualitativa, com procedimentos de revisão bibliográfica de metanálise, visando discutir e ampliar conhecimentos sobre o uso de cinema como recurso psicoeducativo na saúde mental infanto-juvenil. Em termos de natureza, trata-se de um estudo básico, voltado à produção de conhecimento e compreensão de fenômenos. Por meio de pesquisa bibliográfica foram identificados artigos, capítulos de livros, teses, dissertações e relatórios sobre o uso de cinema ou filmes como recurso psicoeducativo na saúde mental de crianças e adolescentes. As buscas foram efetuadas nas bases de dados eletrônicas de periódicos científicos, tais como a Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi), SciELO (Scientific Eletronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), Portal de Periódicos da CAPES, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD. Tais veículos foram adotados por se tratarem de bases de dados fidedignas e com grande possibilidade de acesso a trabalhos originais e diversificados. Também foram utilizados livros e capítulos de livros do acervo pessoal das autoras para as buscas.

A seleção foi orientada por critérios de elegibilidade previamente definidos: população infantil e/ou adolescente; intervenção centrada no cinema/filmes como recurso psicoeducativo ou cinematoterápico; presença de dados abstratos ou empíricos, descrições de intervenção ou discussões teóricas relevantes para a psicologia da saúde mental infanto-juvenil; idioma diverso com disponibilidade de resumo; e sem restrição temporal explícita, assegurando revisões históricas e contemporâneas. Em termos de técnica, empregou-se a leitura crítica dos textos, a extração padronizada de dados e a organização das evidências em categorias temáticas, com foco em três eixos: O primeiro trata da cinematerapia, abordando seus conceitos e aplicações a partir de definições clássicas, com destaque para seu uso em psicoterapia individual, grupal e em contextos educacionais. O segundo eixo explora o cinema como recurso psicoeducativo e clínico, considerando os filmes como mediadores simbólicos e disparadores de reflexões. Por fim, o terceiro eixo reúne experiências relatadas na literatura, incluindo estudos de intervenção em escolas que utilizam filmes como ferramenta para abordar temas ligados à educação e ciclos de vida.

A análise dos dados é predominantemente descritiva e interpretativa, organizada tematicamente para facilitar a leitura integrada do campo. Em resumo, o presente capítulo emprega uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica sistemática, com foco na cinema-psicoeducação para a saúde mental infanto-juvenil. A pesquisa, de caráter temático e exploratório, mapeia práticas, resultados e lacunas sobre o uso do cinema na saúde mental infantojuvenil. Abrange bases nacionais e internacionais, visando subsidiar a clínica, a educação e políticas públicas. Foram utilizados descritores como: Cinema; Filmes; Cinematerapia; Psicoeducação; Infância; Infantojuvenil; Saúde mental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão da literatura revela que o cinema e a cinematerapia têm se consolidado

como recursos promissores na promoção da saúde mental infantojuvenil. Destacam-se por favorecer a expressão emocional, estimular a empatia e ampliar o repertório simbólico dos sujeitos. Os filmes funcionam como mediadores simbólicos, facilitando a identificação com personagens e situações e criando um ambiente seguro para a elaboração de conflitos internos e sentimentos muitas vezes não verbalizados.

Estudos reconhecem o potencial terapêutico dos filmes. Hesley e Hesley (2001) apontam vantagens como alta aderência, familiaridade com o cotidiano, encorajamento ao cliente e possibilidade de expressão de sentimentos. Arantes (2014) reforça que, especialmente em crianças e adolescentes, a cinematerapia permite o acesso a conteúdos emocionais profundos por meio da identificação com narrativas ficcionais.

Rodrigues et al. (2024) indicam que a cinematerapia infantil pode ser conduzida a partir de diferentes estratégias. O cuidado na seleção dos filmes é essencial, devendo considerar a faixa etária, o nível de desenvolvimento e os objetivos terapêuticos, sendo os filmes animados, educativos ou com personagens infantis mais envolventes para esse público. Durante a exibição, as narrativas e personagens devem possibilitar a identificação e, após o término, o inquérito permite explorar as emoções, pensamentos e experiências despertadas pelo filme. Também foi verificado que produções com temáticas de amizade, empatia, resolução de conflitos e autoestima auxiliaram no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Além disso, a utilização de atividades complementares, como desenhos, criação de histórias ou encenações inspiradas no enredo, contribuiu para ampliar as formas de expressão criativa das crianças.

Segundo Pereira et al. (2025), o uso de recursos audiovisuais em contextos psicoeducativos promove uma comunicação mais acessível e menos traumática, possibilitando às crianças uma reflexão mais tranquila sobre a finitude da vida. Além disso, o ambiente acolhedor proporcionado pelas atividades contribui para a redução do medo e da ansiedade relacionadas ao tema, favorecendo o desenvolvimento emocional e saudável dos alunos. Assim, fica evidenciado que estratégias lúdicas, como o uso de filmes, são essenciais para facilitar o diálogo sobre a morte na infância, promovendo compreensão, empatia e resiliência.

Apesar dos benefícios relatados, observa-se uma lacuna na produção científica sistemática sobre o uso do cinema em contextos clínicos e educativos voltados ao público infantojuvenil. A literatura carece de estudos empíricos robustos que avaliem a eficácia das intervenções cinematoterpicas, sobretudo em populações específicas, como crianças em situação de vulnerabilidade, adolescentes em sofrimento psíquico ou em ambientes escolares. Outro ponto crítico é a ausência de estudos longitudinais que investiguem os efeitos duradouros do uso de filmes como recurso psicoeducativo. A maioria das intervenções relatadas é pontual, com foco em atividades isoladas, o que limita a compreensão do impacto real sobre o desenvolvimento emocional e psicológico dos participantes.

No relato de caso apresentado por Rocha et al. (2016), a exibição de três filmes ao longo de 35 sessões psicoterápicas contribuiu para a flexibilização de regras rígidas e

para o desenvolvimento de habilidades empáticas da cliente. Ainda que se trate de uma experiência individual, os resultados dialogam com achados anteriores sobre a utilidade dos filmes como estímulos para a discussão de questões pessoais e como modelo de novos repertórios comportamentais (Hesley; Hesley, 2001).

Nas pesquisas, percebe-se a busca por expandir o campo para contextos educativos. Um exemplo é o estudo que explora o ensino sobre transtorno de Asperger — ainda que o termo não seja mais utilizado, a investigação ampliou a visão sobre os filmes como recurso de ensino e ferramenta psicoeducativa (Cota; Botti, 2016). Por meio de um delineamento empírico, a proposta evidencia a relevância do recurso fílmico para a sensibilização e compreensão de temas complexos, contribuindo para o debate sobre inclusão.

Assim, o cinema se evidencia como uma ferramenta acessível, de baixo custo e com grande potencial de aplicação em diferentes contextos. Sua capacidade de promover reflexão, construir vínculos e ampliar a compreensão sobre si e sobre o outro o torna um recurso complementar valioso em práticas clínicas e educativas. No entanto, seu uso em contextos clínicos ainda é pouco explorado e divulgado na literatura científica, o que reforça a necessidade de ampliar os estudos sobre o tema, aprofundar reflexões teóricas e desenvolver pesquisas empíricas que validem seu potencial.

Diante disso, recomenda-se o investimento em pesquisas que explorem sistematicamente o uso do cinema na saúde mental infantojuvenil, com foco na construção de metodologias, avaliação de resultados e elaboração de diretrizes para sua aplicação clínica e educacional. O fortalecimento dessa abordagem pode contribuir significativamente para práticas mais sensíveis, criativas e eficazes no cuidado psicológico infantojuvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu evidenciar o potencial do cinema e da cinematerapia como temática socialmente relevante e como ferramenta psicoeducativa eficaz na promoção da saúde mental infantojuvenil. Os filmes, ao funcionarem como mediadores simbólicos, favorecem a expressão emocional, a identificação com personagens e a elaboração de conflitos internos, especialmente em crianças e adolescentes. A análise dos estudos revelou que, quando utilizados de forma planejada e sensível, os recursos audiovisuais ampliam as possibilidades de intervenção clínica e educativa, promovendo vínculos, empatia e reflexão.

Apesar dos benefícios observados, há lacunas significativas na literatura científica, sobretudo quanto à sistematização de metodologias e à avaliação longitudinal dos efeitos dessas práticas. Destaca-se também a escassez de estudos empíricos robustos que investiguem a eficácia da cinematerapia em contextos clínicos e educativos com populações específicas, como crianças em situação de vulnerabilidade ou adolescentes em sofrimento psíquico. Outro ponto crítico é a ausência de pesquisas longitudinais que explorem os efeitos duradouros do recurso fílmico. Além disso, a aplicação da cinematerapia em grupo permanece pouco investigada, evidenciando limitações para o avanço da prática.

Torna-se, portanto, necessário investir em pesquisas que aprofundem o uso do cinema

como recurso terapêutico e educativo, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e acessíveis no cuidado psicológico infantojuvenil. Dessa forma, esta pesquisa ressalta a importância da conexão entre arte, cultura e saúde mental, destacando o cinema como recurso relevante para criar práticas mais humanizadas e inovadoras. A promoção científica deste projeto busca estimular a discussão e apoiar novas perspectivas na área da psicologia e da educação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio financeiro recebido pela Universidade de Gurupi por meio do acordo de cooperação técnica em conformidade com o chamamento público da Fundação de Amparo à Pesquisa do Tocantins – FAPT e Governo do Estado do Tocantins para participação no programa institucional de bolsas de iniciação científica (PIBIC).

REFERÊNCIAS

- ARANTES, C. F. **Cinematerapia**: uma proposta psicoeducativa segundo a teoria de Jeffrey Young. 2014. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. DOI <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2014.250>. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17231>. Acesso em: 04 set. 2025.
- BAEZA, F. L. C.; SOARES, P. F. B. Vivências psíquicas da infância no filme “Onde Vivem os Monstros”. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 15, n. 2, p. 39–51, 2013. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-847678>. Acesso em: 05 set. 2025.
- COTA, F. V. H.; BOTTI, N. C. L. Cinema como recurso no ensino do transtorno de Asperger. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, [S. l.], 2016. DOI: 10.19175/recom.v0i0.746. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/746>. Acesso em: 04 set. 2025.
- GARRISON, D. Use of movies to facilitate family engagement in psychiatric hospitalization. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 46, n. 9, p. 1218-1221, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1097/CHI.0b013e318095a3c4>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2007-12952-015>. Acesso em: 05 set. 2025.
- HESLEY, J. W. & HESLEY, J. G. **Rent two films and let's talk in the morning**: using popular films in psychotherapy. New York: J. Wiley, 2001.
- MENESES, R. Psicologia positiva e COVID-19: potencialidades da cinematerapia. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 22, n. 1, p. 25–36, 2021. **Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde – SPPS**. DOI: <http://dx.doi.org/10.15309/21psd220104>.
- PEREIRA, A. C. C.; SIEL, T. A. C.; KLINGER, E. F.; OLIVEIRA, D. P. Cinematerapia e educação para a morte: uma possível atuação do psicólogo na escola. **Revista Cereus**, v. 17, n. 3, out. 2025.
- ROCHA, V. V. S.; OLIVEIRA, M. C. F. A. de; GONÇALVES, F. F. G. O uso de filmes como estratégia terapêutica na prática clínica. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 22–30, 2016. DOI: 10.31505/rbtcc.v18i1.828. 2016.

Disponível em: <https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/828>. Acesso em: 04 set. 2025.

RODRIGO, M. *et al.* Cinema Terapia e o uso de filme na psicoterapia infantil. **Projeção, Saúde e Vida**, [S. l.], v. 5, p. e0524SV03, 2024. Disponível em: <https://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao6/article/view/2414>. Acesso em: 15 set. 2025.